

Uma 'nova era' para a dívida internacional

MOISES RABINOVICI
Nosso correspondente

Washington — O longo drama da dívida internacional entrou numa nova era, como constataam vários importantes analistas econômicos norte-americanos, dois dias depois que o Citicorp, o maior banco dos Estados Unidos e o maior credor do Brasil, anunciou que elevava para US\$ 3 bilhões suas previsões para enfrentar eventuais perdas por maus empréstimos.

A "nova era" está no título do The Washington Post de ontem. "Uma nova era para a dívida", reconheceu também uma antiga economista do Fundo Monetário Internacional, para quem o Citicorp foi o primeiro banco a descobrir que a dívida não é um problema de liquidez, mas um problema basicamente estrutural. "A morte do tradicional caminho para tratar a dívida", concluiu o consultor Norman A. Bailey.

"Uma nova abordagem para a crise da dívida", pressupõe o The New York Times. Numa análise assinada por Eric N. Berg, em sua primeira página, destacam-se quatro princípios da "nova era": 1) Novos empréstimos para os países endividados vão, provavelmente, cair; 2) As renegociações da dívida serão mais dolorosas; 3) Crescerão os apelos para que o problema da dívida seja solucionado a nível governamental; e 4) A comunidade bancária, que já era dividida, ficará ainda mais fragmentada.

A grande vítima da "nova era" proclamada pelo Citicorp, na última terça-feira, serão os novos empréstimos, segundo os analistas consultados pelo The New York Times. A conclusão do jornal está em seu primeiro editorial de ontem — "Veja: um banco honesto". Nele destacam-se algumas conclusões, como a de que o Citi "merece crédito por ter injetado uma construtiva nota de realidade para negociações so-

bre a dívida do Terceiro Mundo", e a de que "os acionistas preferem conhecer o pior". O homem por trás de todo este choque provocado no sistema financeiro teve tratamento de herói, com o seu perfil abrindo o caderno de economia: John Shepard Reed, 48 anos, casado, pai de quatro filhos.

Reed, finalmente, saiu da sombra de seu mestre e seu predecessor no banco, Walter B. Wriston, optando por dar ao Citi a sua primeira grande perda desde a grande depressão. "Mas por que ele fez isto conosco?" — perguntam-se os banqueiros, segundo um deles que pediu ao The Wall Street Journal que não o identificasse. "O garoto", como Reed era chamado, tem a fama de "homem mau", aquele que despede funcionários sem a menor consideração, e que não liga a mínima para a sobrevivência de sua concorrência.

Mas o The Wall Street Journal revela-se reticente, em seu editorial de ontem. "A falta de impacto é bastante compreensível, pois apesar dos grandes números a decisão do Citicorp é principalmente simbólica." O banco, na verdade, não está abrindo mão de seus direitos contra os devedores do Terceiro Mundo. E os empréstimos que fez não estão nem mais nem menos ameaçados de ser ou não ser pagos do que na semana passada. O fluxo de dinheiro do banco não vai mudar muito, e uma maior parte dele vai ser chamada de reservas de empréstimos ao invés de lucros. O jornal ainda sugere que o banco poderá poupar no imposto de renda, concluindo que "o déficit comercial dos Estados Unidos não é a imagem no espelho do superávit comercial do Japão, mas a imagem no espelho da bancarrota do Terceiro Mundo", que deixou de ser um grande mercado para os produtos norte-americanos.